

JACUNDÁ, TORÉ E BATE-PAU: DANÇAS DA CULTURA INDÍGENA TEMATIZADAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

JACUNDÁ, TORÉ, AND BATE-PAU: THEMED DANCES FROM INDIGENOUS CULTURE IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION

JACUNDÁ, TORÉ Y BATE-PAU: DANZAS DE LA CULTURA INDÍGENA TEMATIZADAS EN EDUCACIÓN FÍSICA ESCOLAR

Nathália Inêz de Moraes Silva¹

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais – IFMG ARCOS

Ricael Spirandeli Rocha²

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais – IFMG ARCOS

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo expor e discutir uma proposta de ensino para a educação física escolar que considera a importância do conteúdo dança, através da tematização de três danças indígenas: Jacundá, Toré e Bate-Pau. O relato de experiência é baseado em uma proposta de ensino elaborada especificamente para o 4º ano do Ensino Fundamental I, que faz parte dos anos iniciais da educação básica. Foram realizadas intervenções pedagógicas teórico-práticas, com o intuito de tornar as aulas de educação física sobre as danças indígenas mais significativas, valorizando essas expressões da cultura corporal indígena. Os resultados indicam que o processo avaliativo é fundamental para a reflexão sobre a prática pedagógica e para o acompanhamento do aprendizado de cada aluno. Portanto, é considerado relevante abordar essas manifestações da cultura corporal com respeito, reconhecendo e valorizando essas práticas, e evitando qualquer forma de discriminação.

Palavras-chave: Educação Física; Danças Indígenas; Valorização Cultural; Intervenção Pedagógica; Povos Originários.

Abstract

The present work aims to present and discuss a teaching proposal for school physical education that considers the importance of dance as a content, through the thematization of three indigenous dances: Jacundá, Toré, and Bate-Pau. The report of experience is based on a teaching proposal specifically developed for the 4th grade of Elementary School, which is part of the early years of basic education. Theoretical and practical pedagogical interventions were carried out with the intention of making physical education classes on indigenous dances more meaningful, valuing these expressions

¹Graduada no curso de Licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal de São João Del-Rei. Minas Gerais, Brasil. E-mail: nathalia.morais@educacao.mg.gov.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8808748260009509>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4467-6681>.

²Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais (IFMG) - Campus Avançado Arcos. Especialista em Educação Profissional e Tecnológica Inclusiva; Mestre em Educação Tecnológica pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro (PPGET-IFTM); Professor de Educação Básica de cursos técnicos pela Secretaria Estadual de Minas Gerais (SEE/MG). Minas Gerais, Brasil. E-mail: ricael@outlook.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1404009779475100>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3190-7513>.



of indigenous bodily culture. The results indicate that the evaluation process is fundamental for reflecting on pedagogical practice and monitoring each student's learning. Therefore, it is considered relevant to approach these manifestations of bodily culture with respect, recognizing and valuing these practices, and avoiding any form of discrimination.

Keywords: Physical Education; Indigenous Dances; Cultural Appreciation; Pedagogical Intervention; Indigenous Peoples.

Resumen

El presente trabajo tiene como objetivo exponer y discutir una propuesta de enseñanza para la educación física escolar que considera la importancia del contenido de la danza, a través de la tematización de tres danzas indígenas: Jacundá, Toré y Bate-Pau. El relato de experiencia se basa en una propuesta de enseñanza elaborada específicamente para el 4º año de la Educación Primaria, que forma parte de los primeros años de la educación básica. Se realizaron intervenciones pedagógicas teórico-prácticas, con el fin de hacer las clases de educación física sobre las danzas indígenas más significativas, valorando estas expresiones de la cultura corporal indígena. Los resultados indican que el proceso de evaluación es fundamental para la reflexión sobre la práctica pedagógica y el seguimiento del aprendizaje de cada alumno. Por lo tanto, se considera relevante abordar estas manifestaciones de la cultura corporal con respeto, reconociendo y valorando estas prácticas, y evitando cualquier forma de discriminación.

Palabras claves: Educación Física; Danzas Indígenas; Valorización Cultural; Intervención Pedagógica;

INTRODUÇÃO

O Brasil manifesta, em sua formação identitária, a contribuição dos povos indígenas, dos brancos e dos negros. Fiorin (1999, p. 120) ressalta: "o enriquecimento cultural e a ausência de fronteiras de nossa cultura. Do nosso ponto de vista, o misturado é completo; o puro é incompleto, é pobre". Dessa forma, os povos originários são sujeitos fundamentais na formação do Brasil. Com toda a diversidade étnica indígena, forma-se e produz-se o que se entende como identidade brasileira.

Thiesse (1999, p. 12) sugere que "pertencer a uma nação é ser um dos herdeiros desse patrimônio comum, reconhecê-lo, reverenciá-lo". Nesse processo de formação identitária, é preciso exaltar a "determinação do patrimônio de cada nação e a difusão de seu culto" (THIESSE, 1999, p. 12). Sendo assim, torna-se relevante a integração dos conhecimentos e saberes constituídos pelos povos indígenas, na busca de sua perpetuação, como forma de garantir sua lembrança, e não seu esquecimento.

A Constituição Federal (1988) confere aos povos originários o direito de manutenção de sua cultura, conforme observado no Art. 231. "São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens" (BRASIL, 1988). Ou seja, além da manutenção de seus costumes, é dever geral do Estado e da nação promover ações protetivas aos povos originários indígenas.

Os avanços alcançados na Constituição Federal (1988) são provenientes de um



período marcado por manifestações e organizações, ocorridas entre 1970 e 1980, em prol da causa indígena. Como indica Baniwa (2006), esse foi um período de engajamento no qual as mobilizações indígenas ganharam notoriedade "desde os níveis locais e regionais até as grandes mobilizações do início da década de 1980 em favor dos direitos indígenas, no processo constituinte que culminaria em importantes conquistas na Constituição de 1988" (BANIWA, 2006, p. 73).

Os constantes embates históricos, no âmbito político e social, para a ascensão de direitos para os povos indígenas ainda devem persistir em nossas vidas. Embora as manifestações de políticas públicas tenham consolidado algumas conquistas para os povos indígenas, a luta continua. De acordo com Baniwa (2006, p. 93), "a luta contemporânea em prol da autonomia defendida pelo movimento indígena brasileiro significa a luta pela emancipação social, política e econômica dos povos indígenas", além disso, deverá ser "capaz de tirá-los das péssimas condições de vida a que estão submetidos como resultado de séculos de dominação e exploração colonial" (BANIWA, 2006, p. 93).

É necessário discutir e ressignificar a utilização do termo "índio", por exemplo. Este é um ponto de reflexão, pois entendia-se, e por vezes ainda se entende, como um termo depreciativo, que teria como viés a inferiorização do povo indígena: "o índio representa um ser sem civilização, sem cultura, incapaz, selvagem, preguiçoso, traiçoeiro etc." (BANIWA, 2006, p. 30). Observa-se ainda uma representação sob um olhar místico: "o índio é um ser romântico, protetor das florestas, símbolo da pureza, quase um ser como o das lendas e dos romances" (p. 30).

De acordo com Baniwa (2006, p. 30), os movimentos indígenas ocorridos a partir dos anos 1970 alavancaram essa discussão para uma conclusão na qual a aceitação dos termos "índio" e "indígena" favoreceriam, entre tantas coisas, a "identidade que une, articula, visibiliza e fortalece todos os povos originários do atual território brasileiro".

Mas o fato é que se deve ter atenção quanto à utilização inadequada do termo "índio", a fim de superar as falas pejorativas, apropriações inadequadas e posturas preconceituosas que têm como intenção ferir ou diminuir a identidade indígena. Baniwa, que é o primeiro indígena mestre em antropologia social no Brasil, evidenciou que o termo "de pejorativo passou a uma marca identitária capaz de unir povos historicamente distintos e rivais na luta por direitos e interesses comuns" (BANIWA, 2006, p. 31).

Essa união resultou também na denominação de "parentes", sendo este o termo considerado para tratar os seus, que são de outras etnias indígenas, portanto, há um reencontro. Ser parente "significa apenas que compartilham alguns interesses comuns,



como os direitos coletivos, a história de colonização e a luta pela autonomia sociocultural de seus povos diante da sociedade global" e não estão resumidos a uma única expressão (BANIWA, 2006, p. 31).

Pelo contrário, compreende-se, assim como Baniwa (2006, p. 31), que "a principal marca do mundo indígena é a diversidade de povos, culturas, civilizações, religiões, economias, enfim, uma multiplicidade de formas de vida coletiva e individual". E ainda, como sujeito de sua própria história e humanidade, "o índio de hoje é um índio que se orgulha de ser nativo, de ser originário, de ser portador de civilização própria e de pertencer a uma ancestralidade particular" (BANIWA, 2006, p. 33).

Neste movimento de aceitação, pode-se observar que entre os brasileiros existe uma crescente conscientização e aprendizagem que caracteriza a existência de "uma consciência cada vez maior de que os povos indígenas constituem, sim, um dos pilares da sociedade brasileira e é uma referência importante, senão central, da identidade nacional, assim como o negro, sem os quais o Brasil não é possível ser ele mesmo" (BANIWA, 2006, p. 38).

Considerando os brasileiros como herdeiros de uma cultura tão vasta e rica, como a constituída pelos povos indígenas, fará parte de suas vidas a aproximação a essa cultura, como forma de respeito às origens. No entanto, essa valorização deve se estender também ao âmbito educacional, seja qual for a área de conhecimento. Na tentativa de estabelecer um diálogo entre a Educação Física e as manifestações da cultura indígena brasileira, este relato expõe e discute uma sequência didática com propostas de ensino que foram desenvolvidas com uma turma de 4º ano do Ensino Fundamental I, que faz parte dos anos iniciais da educação básica. O trabalho foi desenvolvido na disciplina de Educação Física em uma escola da rede estadual pública do estado de Minas Gerais.

De acordo com Darido (2012, p. 70), "todas as culturas têm algum tipo de manifestação rítmica e expressiva". Por isso, o conteúdo escolhido foi a dança, com ênfase nas danças indígenas, por serem práticas representativas dos povos indígenas que nem sempre são devidamente reconhecidos pela sociedade em que vivemos. Além disso, "as danças foram e são criadas a todo tempo, pois recebem inúmeras influências; ao incorporá-las, elas transformam-se e multiplicam-se" (DARIDO, 2012, p. 70).

Portanto, objetivou-se com este trabalho refletir sobre a importância das práticas de Educação Física escolar significativas que favorecem o aprendizado dos conteúdos da cultura corporal indígena.



MÉTODO OU METODOLOGIA

Este artigo apresenta reflexivamente um relato de experiência sobre uma proposta de ensino de Educação Física que teve como foco principal as danças indígenas brasileiras. O relato de experiência segue uma abordagem qualitativa, que busca compreender significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes (MINAYO, 2001, p. 22).

Conforme Grollmus e Tarrés (2015), um relato de experiência é uma narrativa subjetiva e detalhada de um evento ou experiência vivida. Ele é fundamentado em referencial teórico, descrevendo os problemas observados, os procedimentos, intervenções e técnicas utilizadas durante as experiências.

As aulas de Educação Física foram ministradas em uma escola pública estadual em Minas Gerais, por uma professora de Educação Física regularmente contratada pela instituição. A proposta de ensino foi direcionada para os alunos do 4º ano do Ensino Fundamental I. A turma era composta por 15 alunos, sendo 10 meninas e 5 meninos, com idades variando entre 7 e 9 anos. Não houve relatos de descendência indígena entre os alunos.

A proposta foi desenvolvida ao longo de um mês, com a duração de 50 minutos por aula. Foram realizadas aulas teórico-práticas, envolvendo atividades individuais e coletivas, que exploraram o rico repertório cultural indígena como conteúdo das aulas de Educação Física. Alguns materiais e recursos didáticos foram utilizados, como projetor de imagens, notebook, caixa de som, garrafas pet, cabos de vassoura, fitas adesivas coloridas, folhas A4 e grãos de arroz, feijão e milho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A dança, sendo uma experiência corporal, possibilitou aos alunos novas formas de expressão e comunicação, levando-os à descoberta da sua linguagem corporal, o que contribui para o processo de ensino-aprendizagem. Vargas (2003, p.13) afirma que a atividade da dança na escola:

[...] engloba a sensibilização e conscientização dos alunos tanto para suas posturas, atitudes, gestos e ações cotidianas como para as necessidades de expressar, comunicar, criar, compartilhar e interatuar na sociedade (VARGAS, 2003, p. 13).

Entre os objetivos propostos para esta proposta pedagógica estão: experimentar, explorar e conhecer as diferentes danças da cultura indígena, além de reconhecer e valorizar a importância destas manifestações da cultura corporal indígena para a formação



identitária brasileira.

As danças indígenas “possuem caráter místico, ritualístico, retratam a história, a origem, as lutas, os enfrentamentos e o cotidiano dos indígenas, estão vinculadas a atos de guerra, colheitas, morte, alegria, festejos e iniciações” (GUIMARÃES; IMPOLCETTO, 2021, p. 39). Dessa forma, podemos inferir que cada etnia indígena tem seus objetivos próprios com as suas danças, mas essas são, de fato, práticas comuns que fazem parte do movimento de reafirmação identitária dos povos indígenas.

Müller (2008, p. 69) aponta que a dança e as músicas indígenas devem ser entendidas sobre o viés da “performance ritual”, ou seja, são “como experiências sensíveis da ética e visão de mundo de um povo, sistemas expressivos através do qual se re-vive, re-cria, re-constrói, re-modela, re-elabora e reinterpreta uma cultura”. Portanto, o trabalho pedagógico com as danças indígenas deve ser, sobretudo, respeitoso e criterioso, de maneira a fugir aos estereótipos e as reproduções caricatas dessa prática que exprime tanto significado.

A proposta de ensino foi pautada no estudo e desenvolvimento de três danças indígenas: Jacundá, Toré e Bate-Pau, que serão explicadas a seguir. Para melhor organização do conteúdo, foi elaborada uma sequência de aulas tematizadas da seguinte forma: Aula 1: “O que é Dança? Quais elementos constituem uma dança? A dança está presente nas nossas vidas? Quais danças conhecemos?”.

Para o início do trabalho com as danças indígenas, foi necessário investigar qual o conhecimento que tinham sobre o conteúdo dança, se a dança estava presente em suas vidas, quais as danças conheciam, entre outras questões.

A primeira aula teve como objetivo aproximá-los do conteúdo, para isso, foi elaborada uma atividade de caça ao tesouro. A turma foi dividida em grupos para a realização da atividade. Cada grupo deveria desvendar um pequeno mistério preparado pela professora. Ao desvendar, o grupo seria levado a um local da escola, onde procurariam um envelope com peças de um quebra-cabeça que formariam uma frase relacionada ao conteúdo “DANÇA” e “DANÇAS INDÍGENAS”.

A intenção dessa atividade era propiciar um momento lúdico de aprendizagem. Ao final, todos os grupos fizeram a montagem de seus quebra-cabeças, que continham as frases que foram lidas para toda a turma. A professora fez alguns apontamentos, de acordo com a leitura das frases, a fim de complementar as informações obtidas.

Após a atividade de “Caça ao Tesouro” a professora indagou se já haviam escutado alguma música indígena, e apresentou a seguinte música aos alunos: Gwyrá Mi (Memória



Viva Guarani/Álbum: Nande Reko Arandu). Com a apresentação da música foi pedido aos alunos que dançassem conforme o ritmo da música, aos poucos os alunos começaram a realizar alguns movimentos. Nesse momento, alguns alunos se mostraram um pouco tímidos, e outros já se mostraram confortáveis em dançar. É interessante ressaltar que alguns grupos de alunos foram se organizando em círculos para uma dança coletiva.

Na Aula 2: “O que são danças indígenas e o que representam?” foi retomado o conceito de danças indígenas e o que elas representam culturalmente para os povos originários, por meio de um vídeo, disponível no YouTube, com o título: “Entendendo a dança indígena”, por Lindomar Araujo (2013). Esse vídeo faz considerações importantes sobre as características principais das danças indígenas.

Logo após a exibição do vídeo, foi feita uma breve roda de conversa sobre o que tinham acabado de aprender, foi perguntado aos alunos: “O que mais chamou a sua atenção no vídeo?”, “Quais são os objetivos de uma dança indígena?”, “Quais espaços os indígenas utilizam para dançar?” e “Qual tipo música? Tem instrumentos?”

Para finalizar a aula, foi proposta uma atividade prática, realizada em duplas. A atividade do “Espelho”; nessa atividade os alunos ficavam frente a frente com a sua dupla e, em seguida, escolhia-se quem iniciaria os movimentos, e o outro fazia o acompanhamento, imitando os movimentos, tal qual um espelho. Com o tempo, os papéis se invertiam, e depois também foi feito um rodízio de alunos, que formavam novas configurações de duplas. Incentivando, assim, o trabalho em grupo, com diversas formas de expressão corporal, escolhidas por eles mesmos. Foram utilizadas músicas indígenas para a realização dessa atividade. Ao dançar, representar, brincar, cantar e tocar pode-se perceber a organização natural dos envolvidos, exprimindo sentimentos de prazer e alegria, tanto para aqueles que atuam diretamente nas atividades, como para os que apenas as apreciam (Schwartz *apud* Catib, 2010, p. 40).

A Aula 3: “Como se constrói uma dança?” ocorreu no intuito de ampliar o conhecimento dos alunos e das alunas sobre a construção de uma dança, foi apresentado a documentário “Terça da Dança | Especial Cultura Popular Ep04 – Aldeia Kãñã Mihay Pataxó”, disponível no YouTube, no canal Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte, que apresenta algumas danças tradicionais da Aldeia Kãñã Mihay Pataxó. Após a exibição do documentário foi feita uma breve roda de conversa que abordou os temas centrais do vídeo, como: porque são feitas as danças indígenas; a importância do ritual para a comunidade; quais instrumentos, vestimentas e pinturas usam. Com o vídeo também foi possível abordar os elementos principais de uma dança: gesto, ritmo e espaço. Dando



seguimento à aula foi trabalhada uma brincadeira cantada, “Yapo”, com o objetivo de estimular a vivência prática de um exercício de ritmo e movimento.

Aula 4: “Dança Indígena: Jacundá”. Inicialmente, nesta aula, foi feita uma roda de conversa e uma explanação pela professora sobre a dança indígena “Jacundá”. Esta é uma dança circular, também considerada uma brincadeira, que faz alusão a uma situação de pescaria, visto que jacundá é um peixe popular da região Norte do Brasil, principalmente nos estados do Pará e Amazonas.

Cascudo (2002) revela detalhes coreográficos importantes do jacundá, por exemplo: é uma dança vivenciada por ambos os sexos, com posições alternadas no círculo, mantendo as mãos dadas durante a cerimônia, formando o círculo. Duas pessoas são escolhidas para permanecer dentro do círculo e representarem os peixes, os peixes terão o objetivo de tentar fugir do círculo, enquanto os outros participantes giram em torno dos peixes. Quando consegue-se sair do círculo, a dança termina.

Após a contextualização histórica sobre o “Jacundá” chegou o momento de dançar. Os alunos foram organizados em círculo, alternados e em duplas (na medida do possível, pois essa turma não possuía números iguais de meninos e meninas). Ficou combinado que a dupla que deixassem os jacundás saírem da roda, tomariam o seu lugar, e assim sucessivamente. Foi organizada uma marcação de passos, inicialmente, a roda girava dois passos para a direita, e depois dois passos para a esquerda. Com o passar do tempo, a marcação foi aumentada até cinco passos para a direita e depois cinco passos para a esquerda. A dança continuou até que todas as duplas tivessem sido os jacundás.

Uma roda de conversa final consolidou os conhecimentos aprendidos nesta aula, com questões que retomavam as características principais do “Jacundá”. A participação e envolvimento dos alunos e das alunas foi positivo, de acordo com os *feedbacks* dados por eles na roda de conversa.

Aula 5: “Dança Indígena: Toré – ritmos e movimentos” observa-se que o toré é um ritual típico de algumas etnias indígenas da região Nordeste do país. Enquanto dança pode ser praticada por homens e mulheres, que se organizam em círculo, tornando o toré também uma dança circular. De acordo Oliveira (2018, p. 32), no toré os participantes se “organizam circularmente e giram em torno do centro e de si próprio, pisando fortemente o solo, marcando o ritmo da dança, acompanhado pela maracá e algumas vezes pelo tambor, ao comando do líder do grupo”. O toré é amplamente conhecido entre os povos indígenas, e “faz parte da cultura autóctone dos povos Kariri-xocó, Xukuru-kariri, Pankararú, Tuxá, (índios de Pernambuco) Pankararé, Geripancó, Kantaruré, Kiriri, Pataxó, Tupinambá,



Tumbalalá, Pataxó Hã-hã-hãe, Wassu Cocal entre outros” (Gaspar, 2009). Entre suas finalidades, o toré estabelece o contato com os ancestrais e promove uma conexão com a natureza.

Nesta aula, a contextualização histórica e social do toré foi feita com o auxílio de imagens e vídeos, disponíveis na internet. Feita a contextualização da dança, realizou-se uma experimentação prática direcionada pela professora, de modo que, coletivamente, todos dançaram juntos. Os passos coreográficos realizados sempre com a marcação de tempo com os pés (uma pisada forte, outra pisada fraca), dispostos inicialmente em roda, e depois em fileiras. Além disso, depois foram acrescentadas marcações de tempo de batidas de pés com palmas de mão. Após a experimentação direcionada pela professora, foi proposto que os próprios alunos criassem marcações e passos, para que todos pudessem praticar juntos. Com uma roda de conversa final, realizou-se um diálogo sobre a experiência vivenciada.

Aula 6: “Dança Indígena: Toré – produção de maracás”. Como continuação do aprendizado da dança toré, esta aula teve como objetivo o reconhecimento de um instrumento musical significativo e sagrado para os povos indígenas, o “maracá”. Como afirma Oliveira (2018, p. 32), o maracá é um “instrumento musical indígena, classificado como idiofone de agitação, feito com cabaça, sementes ou grãos secos que funciona como um chocalho”. Para a realização dessa aula, alguns materiais se tornaram necessários, como: garrafas pet de 250ml, grãos de arroz, feijão e milho, bem como fitas adesivas coloridas. Cada aluno confeccionou seu próprio maracá, enfeitando-o com as fitas coloridas e, ao final, as garrafas foram preenchidas com alguns grãos.

Com os maracás em mãos, os alunos manipularam o instrumento livremente para explorar suas possibilidades de sons, principalmente para sentirem as diferenças de sons que cada grão pode gerar. Outras possibilidades foram propostas pela professora, como todo o grupo entrar num ritmo único e acrescentar marcações de tempo com os pés.

Aula 7: “Dança Indígena: Toré – experimentação e fruição”. Com o objetivo de explorar as diversas possibilidades da dança do toré, elaborou-se uma aula na qual os alunos assumiriam o protagonismo de suas experiências, tendo como proposta a criação coletiva de uma coreografia de toré. Nesse sentido, a turma foi dividida em pequenos grupos, cada grupo se reuniu e criou seus passos coreográficos, baseados nos passos característicos do toré. Os grupos utilizaram novamente os maracás para o enriquecimento das danças. Foi possível observar que o conhecimento adquirido sobre o toré estava consolidado, visto as apresentações finais que fizeram para apreciação de toda a turma.



Este momento de criação de seus próprios passos e maneiras de se expressarem corporalmente são importantes para o desenvolvimento individual e coletivo dos sujeitos, de maneira que “[...] a criatividade possibilita a independência a liberdade do ser pela autonomia e emancipação” (NANNI, 1998, p. 8).

Para a Aula 8: “Dança Indígena: Bate-Pau – ritmos e movimentos” introduziu-se o processo de aprendizagem da dança indígena “Bate-Pau”. A aula iniciou-se com uma contextualização histórica e social dessa dança, também com a utilização de recursos audiovisuais, como forma de aproximar e criar uma ambientação do conteúdo a ser aprendido.

A “Dança Bate-Pau” ou “Dança do Penacho” é típica do povo indígena Terena, que habita a região Centro-Oeste do Brasil, sendo praticada nos estados do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Essa é uma dança festiva, dançada pelos Terenas, em diversas ocasiões. A dança do bate-pau tem movimentos característicos que simulam uma luta, como afirma Troquez (2019, p. 105), “os movimentos da dança representam a luta dos Terena contra os paraguaios durante a guerra. No final da dança os Terena erguem seu líder, significando a vitória dos Terena.” Em relação aos participantes desta dança, estes são divididos em dois grupos, liderados cada um por seu cacique.

Segundo Jesus (2007) os grupos executam a dança em filas paralelas, realizando movimentos de forma conjunta e cada um carrega seu próprio bastão. Após essa primeira explanação sobre a dança bate-pau, foram feitas algumas perguntas aos alunos, como forma de instigar e promover o interesse pela prática da dança bate-pau. Para a realização prática da dança bate-pau, foi necessário a mobilização como material didático de cabos de vassoura. Cada aluno recebeu seu cabo de vassoura, nesse momento foi pedido que o uso deste material fosse feito com cautela, para que todos participassem de uma prática divertida e prazerosa.

Então a professora direcionou o primeiro momento da prática com alguns comandos. Dessa forma, os alunos começaram a explorar a dança bate-pau, marcando os primeiros tempos, com batidas de pé e batidas de bastão no chão. O primeiro momento foi marcado por poucos deslocamentos, e a permanência dos alunos dispostos em duas fileiras. Depois novos desafios corporais foram implementados, como as batidas cruzadas e deslocamentos variados (frente, atrás, esquerda e direita). Como essa dança representa alguns movimentos de luta, a professora trabalhou com uma sequência coreográfica que contemplasse essa demanda. Com isso, os comandos seguiram uma ordem de apresentação dos lutadores, como sinal de respeito ao oponente, logo, os comandos



simularam uma batalha, finalizando com uma despedida ao oponente, novamente, como forma de respeito a ele.

Para finalizar essa aula e entender as percepções dos alunos sobre a experiência com a dança bate-pau, os alunos foram reunidos numa roda de conversa para expor suas sensações com a dança aprendida.

Aula 9: “Dança Indígena: Bate-Pau – experimentação e fruição”. Como forma de consolidar e proporcionar um momento no qual o aluno é sujeito principal de sua aprendizagem, a dinâmica proposta para esta aula foi a divisão da turma em pequenos grupos, para que com autonomia pudessem usufruir de sua criatividade individual e coletiva na criação de uma sequência coreográfica da dança bate-pau.

Os grupos desenvolveram seus processos criativos de maneira satisfatória e produziram coreografias com as características principais da dança bate-pau. Dessa forma, “verifica-se assim, as infinitas possibilidades de trabalho do/para o aluno com sua corporeidade por meio dessa atividade” (PEREIRA *et al.* 2001, p. 61).

Após a criação, os alunos fizeram uma breve apresentação de suas coreografias para apreciação da turma. Em um momento de reflexão sobre a prática, os alunos puderam relatar as dificuldades e facilidades que tiveram durante a experiência com a dança bate-pau.

Aula 10: “Avaliação do projeto ‘Danças Indígenas’”. O que aprendemos com as Danças Indígenas? Com o fim das experimentações práticas, foi desenvolvida uma aula para avaliar o projeto das “Danças Indígenas” nas aulas de Educação Física. Nessa aula foi proposto aos alunos que elaborassem como um “produto final” um livreto, contendo um registro escrito e um registro ilustrado da dança indígena que havia mais gostado de aprender. No livreto, a parte escrita poderia expor, além da sua dança preferida, também o motivo porque havia gostado da referida dança. Dessa maneira, foi oportunizado aos alunos um momento de reflexão sobre as danças indígenas aprendidas, Jacundá, Toré e Bate-Pau. Cada aluno confeccionou seu próprio livreto, utilizando de sua criatividade artística.

O processo avaliativo é fundamental para uma reflexão da prática pedagógica e para acompanhamento da aprendizagem de cada aluno. Por isso, as aulas de Educação Física desenvolvidas com a temática “Danças Indígenas” contou, durante o seu desenvolvimento, com intervenções teórico-práticas, que contextualizaram os conhecimentos advindos da cultura indígena. Para além, visando uma formação significativa, foram consideradas como critérios avaliativos as participações e o envolvimento dos alunos com as práticas, bem como as discussões e reflexões realizadas durante os momentos de roda de conversa das



aulas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das possibilidades do conteúdo "Danças Indígenas" na Educação Física escolar, torna-se relevante o tratamento pedagógico dessas manifestações da cultura corporal, visando reconhecer e valorizar tais práticas, bem como abordar essa temática com respeito, sem permitir qualquer viés discriminatório. Trata-se de manifestações de caráter histórico e social que desempenham um papel fundamental na formação da identidade brasileira.

Este trabalho buscou não apenas viabilizar novas perspectivas de abordagem do conteúdo "Danças Indígenas", mas também ressaltar que a dança na escola pode ser trabalhada de maneira significativa. Através de um tratamento pedagógico adequado, é possível criar momentos de autoconhecimento, trabalho coletivo e criativo, além de promover a produção de novas expressões de movimento e interpretações de mundo.

As danças indígenas revelam saberes e conhecimentos ancestrais e, portanto, é necessário manter vivas suas práticas, inclusive nas aulas de Educação Física. Por essa razão, é importante atualizar os documentos curriculares, bem como promover estudos e pesquisas que embasem novas possibilidades de ensino das danças indígenas. Essas ações contribuirão para uma Educação Física mais inclusiva, culturalmente sensível e alinhada com os princípios da valorização da diversidade.

Ao promover a valorização das danças indígenas de forma colaborativa e respeitosa, os estudantes têm a oportunidade de vivenciar uma experiência enriquecedora, na qual são desafiados a desconstruir estereótipos, ampliar horizontes e fortalecer os laços de respeito e admiração pela diversidade cultural presente no Brasil.

Portanto, é essencial que a Educação Física escolar reconheça as danças indígenas como parte integrante do currículo, proporcionando aos alunos uma compreensão mais ampla e profunda da cultura brasileira. Isso pode ser alcançado por meio da capacitação dos professores, da inclusão de materiais didáticos diversificados e do estabelecimento de parcerias com as comunidades indígenas, buscando o conhecimento e a colaboração direta dos detentores dessas práticas culturais.



REFERÊNCIAS

BANIWA, G. **O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil (1988)**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>.

BRASIL. **Lei n. 10.639**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 10 de janeiro de 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>.

CASCUDO, L. C. **Dicionário de Folclore Brasileiro**. 11. ed. Rio de Janeiro, Editora Global, 2002.

CATIB, N.O.M. **Os ritos das danças Xondaro e do terreiro da aldeia Guarani M'bya – Aguapeú e das danças circulares**. Dissertação (mestrado) - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA MOTRICIDADE PEDAGOGIA DA MOTRICIDADE HUMANA ESTADOS EMOCIONAIS E MOVIMENTO. UNESP - Rio Claro, 2010.

DARIDO, Suraya Cristina. Educação física na escola: conteúdos, suas dimensões e significados. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. **Caderno de formação: formação de professores didática geral**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 51-75, v. 16.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

FIORIN, J. L. A construção da identidade nacional brasileira. **BAKHTINIANA**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 115-126, 1o sem. 2009

GASPAR, Lúcia. Danças indígenas do Brasil. **Pesquisa Escolar Online**, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: maio/junho de 2023.

GROLLMUS, N. S.; TARRÈS, J. P. Relatos metodológicos: difractando experiências narrativas de investigación. **Fórum Qualitative Social Research**, Berlim, v. 16, n. 2, p. 1-24, mayo 2015.

GUIMARÃES, Denise; IMPOLCETTO, Fernanda Moreto. Danças indígenas na educação física escolar: elaboração de material didático em formato de aplicativo. **Corpoconsciência**, v. 25, n. 2, p. 35-52, mai./ ago., 2021

JESUS, N. T. Kohixoti-Kipaé, a dança da ema: memória, resistência e cotidiano Terena. 2007. 132 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Nacional de Brasília.



MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001.

MÜLLER, Regina Polo. Ritual e performance nas artes indígenas. **Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, Suplemento 7, 2008.

NANNI, D. **Dança educação**: princípios métodos e técnicas. 2.ed. Rio de Janeiro: SPRINT, 1998. p.8.

PEREIRA, S. R. C. et al. Dança na escola: desenvolvendo a emoção e o pensamento. **Revista Kinesis**, Porto Alegre, v.2, n. 25, p.60-61, 2001.

VARGAS, L.A. A dança na escola. **Revista Cinergis**, Santa Cruz do Sul, v.4, n.1,p.9-13, jan/jun., 2003.



Artigo recebido em: 01 de julho de 2023.

Aceito para publicação em: 26 de setembro de 2023.

Manuscript received on: July 01, 2023

Accepted for publication on: September 26, 2023

Endereço para contato: Universidade Federal do Amazonas, Faculdade de Educação/FACED, Programa de Pós-Graduação em Educação, Campus Universitário, Manaus, CEP: 69067-005, Manaus/AM, Brasil

